



O Jornal na Escola

Uma análise da utilização da mídia impressa como complemento ao conteúdo do ensino escolar na região de Maringá - PR¹

Vagner José Guedes²

Marcos Antonio Diniz³

Luzia Yamashita Deliberador⁴

Cespar – Centro de Ensino Superior do Paraná

Faculdades Maringá

RESUMO

Este trabalho é o produto de pesquisa sobre a utilização do jornal impresso em sala de aula do ensino fundamental em duas escolas municipais na região de Maringá, estado do Paraná. O programa de leitura denominado O Diário na Escola entrega o jornal nas escolas participantes para utilização dos professores na aplicação do conteúdo pedagógico de forma interdisciplinar aos alunos. A pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas com a coordenação do Programa, professores envolvidos e a observação em tempo real da aula em que o jornal é utilizado. O objetivo proposto foi o de constatar a possível metodologia aplicada pelos professores, e o resultado no aproveitamento dos alunos, assim como o envolvimento do programa com o público envolvido.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal na Escola, Educomunicação, Educação para as mídias

INTRODUÇÃO

A década de 1970 pode ser considerada um marco tanto na mudança de paradigmas da Educação que, até então, indicavam a aplicação dos livros clássicos de literatura no ensino Língua Portuguesa no Brasil, quanto na efervescência dos estudos em Comunicação Social na América Latina em função da necessidade constatada de se criar métodos de educação para os meios de comunicação.(SOARES,1999,p.21).

¹ Trabalho apresentado ao Expocom na divisão temática Áreas Emergentes e Produção Transdisciplinar em Comunicação da XVI Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação da região Sul – X Intercom Sul.

² Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do CESPAR – Faculdades Maringá.
E-mail: cacoio2009@yahoo.com.br

³ Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do CESPAR – Faculdades Maringá.
E-mail: dinizcetac@hotmail.com

⁴ Doutora em Comunicação pela ECA / USP e orientadora deste trabalho – E-mail: adeli@sercomtel.com.br



Naquele contexto a Educação e seus meios foram questionados por Paulo Freire, em seus inquietantes textos produzidos pela observação e reflexão sobre a efetiva apropriação do conhecimento por parte dos alunos nas escolas:

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação (FREIRE, 1979, p.38).

O crescente avanço dos meios de comunicação de massa entre todas as camadas sociais, inclusive entre os alunos, caminhou para uma dominação tal que ainda tem motivado pesquisadores a elaborarem vários estudos e teorias sobre os possíveis efeitos do consumo irrefletido, ou pouco crítico dos conteúdos oferecidos por esses meios.

Para Barbero (2001), a escola permanece em um estado de negação em relação ao “des-centramento cultural que atravessa o que foi seu eixo tecnopedagógico: o livro”. . (MARTINS-BARBERO, 2001, p.58).

A razão desse “des-centramento”, segundo Barbero (2001), é o volume de informação, proporcionado pela indústria cultural por meio dos musicais, audiovisuais, histórias em quadrinhos etc., e seus meios de propagação como as revistas, os jornais, o rádio, a televisão, que se constituem em versáteis instrumentos que atraem mais aos jovens que a própria escola e seu sistema de ensino até então baseado exclusivamente na leitura e escrita. (MARTINS-BARBERO, 2001, p.58).

Ainda segundo Barbero (2001), tanto a escola quanto a totalidade do sistema educativo ignora a importância das modificações já observadas a partir da vivência dos adolescentes em relação ao tempo e espaço “apegados a uma contemporaneidade cada dia mais reduzida a atualidade, e no fluxo embriagador de informações e imagens.” (MARTINS-BARBERO, 2001, p.58).

Os campos da Educação e da Comunicação a despeito de tudo que, até então se havia teorizado sobre essas áreas, juntos ou separadamente, encontram convergência que estabelece a inter-relação entre eles. A partir de um estudo realizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação – NCE da Universidade de São Paulo - USP, em conjunto com pesquisadores da Universidade das Faculdades Salvador – UNIFACS, na Bahia, constatou-se o surgimento de um novo campo nomeado Educomunicação que compreende uma nova área de pesquisa interdisciplinar. (SOARES, 2002, p.20)



Este novo campo de estudo que, em uma de suas vertentes, estabelece a criação da educação para a comunicação, sugere que a escola seja o principal espaço para o exercício desse estudo. O estudo das mídias, no âmbito escolar, no entanto, deve ser precedido da capacitação dos professores para a nova área que se constitui na Educomunicação, ou “desafio” como chama Belloni (2001). Esse é o ponto de interrogação a ser investigado onde esteja sendo aplicada a teoria, como cita a autora:

(...) a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social (...) como irá a instituição escolar responder a este desafio? Integrando as tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. (BELLONI,2001,p.10)

Este trabalho de pesquisa buscou por meio da metodologia de estudo de caso, relatar um programa, no âmbito da Educomunicação, implantado pelo jornal O Diário do Norte do Paraná. O Programa foi criado em 1999 a partir de um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá – UEM, em 2001 foi assumido pela empresa jornalística e batizado de O Diário na Escola. O programa que conta com departamento próprio dentro da estrutura administrativa da empresa é coordenado por Ricardo Pastorelli⁵, professor, graduado em Letras, tendo como auxiliar uma jornalista, contando ainda com a colaboração do editor do caderno de cultura, que é jornalista e mestre em literatura. Atendendo cento e duas escolas entre municipais e estaduais, na região de Maringá, o Programa de leitura do jornal alcança cerca de 22 mil alunos.

Conforme Pastoreli, é desenvolvido um treinamento com os responsáveis pela implantação a partir da adesão ao Programa, quer seja na escola ou outra instituição. São repassadas informações sobre os elementos que compõem o jornal, sua linguagem e características gerais, assim como, estratégias de leitura crítica e sugestões metodológicas para desenvolvimento de atividades com os educandos. Nessa oficina de treinamento inicial, os professores e coordenadores participantes, recebem material impresso com modelos de atividades e as possibilidades de uso do jornal em sala de aula. Os alunos participantes são convidados, através de suas escolas, a uma visita às instalações da empresa jornalística. Assim como os professores, os alunos também recebem informações sobre as etapas de confecção do jornal, desde a reportagem até a impressão. O Programa realiza, no decorrer do ano letivo atividades envolvendo alunos e professores.

Pastoreli ressalta que o principal objetivo do Programa é a formação de novos leitores através da criação do hábito da leitura, como segundo objetivo ele cita a formação do

⁵ Ricardo Augusto Pastoreli foi entrevistado em 30/10/2008



leitor crítico. Ficou evidenciado, portanto, que, pelo menos neste caso, o programa de leitura de jornal na escola tem apelo mercadológico, devido à instituição salientar sua importância como instrumento para formação de novos leitores. Ao justificar a existência do Programa a empresa jornalística responsabiliza os professores, no sentido de reverterem a falta de hábito de leitura, e a dificuldade de produção de texto dos alunos, apresentando para tanto a possibilidade de adesão ao Programa como forma de minimizar o problema.

OBJETIVO

O objetivo específico do trabalho foi o de constatar se havia, e de que forma seria aplicada a metodologia de trabalho, possivelmente adotada pelos professores, no uso do jornal em sala de aula, assim como o interesse e participação dos alunos no desenvolvimento das atividades relativas ao programa. Decidiu-se que seria realizada uma observação, por amostra, em duas, das cento e duas escolas de primeiro grau, de Maringá e região, participantes do programa.

A primeira escola escolhida foi a Escola Municipal Mariana Viana Dias de Maringá, Paraná criada em 25 de Maio de 1994, dispõe de ensino pré-escolar e as oito séries de primeiro grau, é situada em bairro periférico da cidade e possui 512 alunos matriculados atendidos por um corpo docente de 60 professores.

A outra escola é do município de Engenheiro Beltrão, situado a 66 km de Maringá, com 13.867 habitantes (IBGE, 2007), tendo a rede fundamental dividida entre escolas estaduais, municipais e particulares totalizando 2.259 alunos matriculados (IBGE, 2007). A Escola Municipal Maria Aparecida Medeiros, foi criada em 20 de Agosto de 1980, tem corpo docente de 35 professores, com 598 alunos matriculados, dispostos entre o ensino pré-escolar e as oito séries do primeiro grau. A decisão da escolha entre uma escola e outra teve como parâmetro perceber, eventualmente, diversidades quer seja na transmissão dos conteúdos ou ainda na recepção por parte dos alunos, em virtude de uns viverem em contexto social diferenciado dos outros, ou seja, em áreas predominantemente urbanas ou rurais.

Considerando ser o objeto de investigação um programa específico de inserção do jornal impresso em sala de aula que, embora similar a outros desenvolvidos em diversas regiões do país, é possuidor de particularidades dentro de um contexto social único que é a realidade regional e seu nível de desenvolvimento intelectual, justificou-se assim, pesquisar e documentar a iniciativa como sendo parte de uma emergente área de estudo da comunicação social que busca proporcionar subsídios para apropriação dos meios midiáticos na educação escolar.



1 A Influência da Mídia e Novas Tecnologias Nos Dias Atuais

O desenvolvimento da cultura de massa nos Estados Unidos e a urbanização das populações rurais cooptadas pelo desenvolvimento industrial propiciou a formação de uma nova classe social de indivíduos assalariados que paulatinamente ascenderam a uma condição assemelhada à burguesia, podendo ter acesso ao bem-estar, lazer e aos bens de consumo, “a cultura de massa se constitui em função das necessidades individuais que emergem”. (MORIN,2000,p. 17).

e é porque a cultura de massa se torna o grande fornecedor dos mitos condutores de lazer, da felicidade, do amor, que nós podemos compreender o movimento que a impulsiona, não só do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real. Ela não é só evasão, ela é ao mesmo tempo e contraditoriamente, integração (MORIN,2000,p.90)

Para Gutiérrez (1978) a cultura de massa é um fato social e embora ela iguale os receptores, por outro lado favorece a penetração dos “menos” privilegiados ao mundo cultural dos considerados anteriormente como “elites” culturais, ou seja, a massificação é positiva nesse aspecto.

Todas as camadas sociais recebem os mesmos produtos culturais. A imprensa, o cinema e os programas de TV estão à disposição de todos, sem distinção de classes sociais ou de níveis culturais.(GUTIÉRREZ,1978, p. 19)

A conclusão de Gutierrez (1978) é de que essa massificação da informação, que a torna acessível ao cidadão comum, é, embora não considerada como cultura, o grande acontecimento cultural que transformou a humanidade depois de seu advento e vem despertando interesse, “um grande apetite de cultura, um desejo de não querer se sentir inferior aos demais” (GUTIÉRREZ,1978,p.20)

A cultura de massa, produto da indústria cultural, caracteriza-se por um aspecto, qual seja, o de não ser produzida por quem a consome, e por outro por ser produto de uma produção em série voltada para o consumo alienado e irrefletido, moeda de troca para quem a produz.(COELHO,1980,p.13).

Segundo Coelho (1980), os meios de comunicação de massa que tiveram origem na invenção da imprensa tipográfica, são os difusores da cultura de massa, e embora originariamente não tenham sido criados para esse fim, tem se apropriado dessa cultura para própria subsistência desde que a indústria cultural assim como esses meios surgiram como fruto da industrialização e a conseqüente necessidade de se enquadrar o indivíduo à lógica



capitalista. Essa massificação da sociedade, no entanto, vem sendo cada vez mais segmentada devido a diversidade das mídias.

2 A Interação Comunicação e Educação

Com as mudanças na sociedade observadas pelo efeito da urbanização, da industrialização e ainda dos ideais de democracia política, e a mobilização da classe operária em busca de instrução, só disponível até então para a burguesia, surgiu a discussão sobre a renovação dos métodos até então utilizados na educação dando origem à proposta da Escola Nova. (FONSECA,2004,p.24).

Essa proposta basicamente centralizava no aluno o foco do processo pedagógico, colocando o professor em uma maior aproximação com esse aluno, ainda introduzindo disciplinas não intelectuais como a Música e a Educação Física. Os ideais da Escola Nova nasceram nos Estados Unidos e Europa, incorporando teorias pedagógicas e comportamentais diante dos estudos desenvolvidos por pesquisadores que, até pelo pensamento dominante da época, buscavam implantar recursos tecnológicos aos métodos de aprendizado por supor que o professor não conseguiria atender a demanda por educação, dentro da pedagogia tradicional, apenas mantendo seu papel de transmissor de conhecimento.

A confluência entre a psicologia comportamental, o pragmatismo filosófico e da linguagem e a valorização dos métodos pedagógicos inspirou a utilização dos meios de comunicação, entendidos como dispositivos técnicos, na escola. Os meios de comunicação poderiam ser utilizados na escola como recursos de aprendizagem mais eficientes que os tradicionais, podendo ser complementares ou não ao ensino regular. A presença de recursos de som, imagem e animação, característicos dos meios de comunicação, “atrairiam”, em alguma medida, a atenção dos estudantes, servindo como reforço positivo a um fim pretendido (FONSECA,2004,p.26,grifo do autor).

Deve se considerar também que o avanço da indústria cultural e sua produção de sentido no meio social proporcionaram a mobilização de pesquisadores, tanto da Educação quanto da Comunicação, rumo a um marco teórico-prático que demonstrava a preocupação de ambos, tanto sob o ponto de vista educacional latino americano face à necessidade de se propor uma pedagogia que “emancipasse povos historicamente colonizados e dependentes” (FONSECA, 2004,p.30), através de novos métodos de alfabetização, quanto pelo lado da Escola de Comunicação Latino Americana, que considerava os meios de comunicação:

(...) um obstáculo à cidadania, uma vez que sua presença crescente na vida cotidiana seria agravada pelas deficiências educacionais generalizadas, que impediriam a assimilação crítica da programação. Para esses autores, os meios de



comunicação refletiriam os interesses do imperialismo cultural norte-americano sobre o continente (FONSECA,2004,p.30).

A confluência entre as duas áreas de intervenção social, quais sejam a de Educação e Comunicação Social, segundo Soares (1999), recebeu contribuições de Skinner, através de sua teoria de reforço e recompensa que, através da experiência na aplicação de processos e recursos tecnológicos na educação, pode proporcionar a educadores concluírem que a aproximação instrumental possibilita a convivência entre os campos.

Soares (1999) cita também o educador Paulo Freire, na década de 1970, como um dos defensores da nova pedagogia ao afirmar que: a relação do educador com o educando deve ser igualitária e dialógica, pois só assim, segundo Freire, se produz conhecimento. Já nos anos 1980, segundo Soares (1999), Freire demonstrava preocupação com a leitura das imagens e o avanço da informática e constatava que as crianças das periferias das cidades tinham contato com o cinema do bairro, ou até mesmo a televisão e não se conheciam suas reações e de como faziam a leitura das imagens.

As primícias da relação comunicação e educação, no aspecto da efetiva utilização dos meios na educação, podem ser creditadas a Celestin Freinet (1896/1966). Suas teorias educacionais integraram os meios de comunicação, no caso a imprensa jornalística, levando à sala de aula uma prensa de tipos móveis para ensinar e estimular os alunos a produzirem seu próprio jornal. Freinet desenvolveu uma metodologia alternativa à pedagogia então tradicional a partir da observação e constatação da desmotivação que envolvia seus alunos, buscou então privilegiar a expressão do aluno como forma de aprendizado, incluindo também em sala de aula outros meios da época, como o rádio, o gramofone e o projetor de cinema (FONSECA,2004,p.28).

De acordo com Fonseca (2004), na América Latina o pioneirismo dos estudos que relacionam a comunicação com os processos educativos imputa-se ao pesquisador argentino-uruguaio Mario Kaplun, tido como o criador do termo “educomunicação” como forma de classificar “toda ação comunicativa, no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos” (FONSECA,2004,p. 30). A autora cita ainda a contribuição do canadense Marshall McLuhan, que mesmo atuando em uma linha de pesquisa diversa de Kaplun, explicita suas idéias no sentido de envolver as escolas como participantes desse processo “educomunicacional” dizendo ser necessário um reconhecimento por parte das mesmas que por estarem “tradicionalmente vinculadas a uma cultura verbal” (FONSECA, 2004,p.30), estariam perdendo espaço na transmissão de conhecimento em favor dos meios de comunicação presentes na vida dos alunos em qualquer hora e lugar.



A necessidade de se conhecer e interpretar a mídia é também justificada por Len Masterman (*apud* Belloni, 2001), que pontua em sete as razões principais para esse estudo:

(1) o consumo elevado das mídias e a saturação à qual chegamos, (2) a importância ideológica das mídias, notadamente através da publicidade, a aparição de uma gestão da informação nas empresas, organismos governamentais, (3) a penetração crescente das mídias nos processos democráticos, (4) a importância crescente da comunicação visual e da informação em todos os campos, (5) a expectativa dos jovens serem formados para compreender sua época, (6) o crescimento nacional e internacional das privatizações de todas as tecnologias da informação (BELLONI, 2001, p.10).

Para Belloni (2001), o ideal é que a escola seja o ambiente adequado para a integração das tecnologias da informação e comunicação, uma vez que essas tecnologias compreendem a comunicação de massa que permeia todo o tecido social. Belloni (2001) afirma ainda que a sociedade contemporânea é técnica e industrial, características que se sobrepõem ao domínio individual e familiar moldando culturalmente o cidadão e descaracterizando a família como transmissora dos valores ficando essa tarefa a cargo das instituições e profissionais como psicólogos, educadores, médicos, entre outros.

Na conclusão de Belloni (2001), o controle social acaba sendo exercido pelas instituições sob várias formas, entre as quais escola e mídia seriam as mais importantes. O estudo das mídias no âmbito escolar tem, portanto, o propósito de preparar o indivíduo para a vida em sociedade a partir da compreensão dos conteúdos da comunicação massiva obtida pela leitura crítica dos mesmos, como afirma Orofino (2005) conceituando a mediação escolar:

Se a escola é local de encontro de ‘muitas culturas’ que provêm tanto de identidades quanto de diferenças socioculturais, então é preciso buscar sobrepor todas as mediações, em jogo a partir daquele cenário. Ali se entrelaçam as mediações principalmente a institucional ((afinal, a escola é uma instituição social das mais rígidas e estruturadas ao longo da história)).(OROFINO, 2005, p.65)

O termo Educomunicação é definido por Azevedo (2004) pelos aspectos associativos das áreas do conhecimento e intervenção que deram origem ao próprio termo, e suas tendências, justamente por permitir a interseção entre ambos. Pelo lado da educação denominada tradicional, onde o professor é transmissor e o aluno sujeito passivo e alvo da comunicação unidirecional, caracteriza um aspecto como na comunicação massiva e suas reflexões. Por outro lado, através da teoria ativa da Escola Nova, em que o aluno constrói seu conhecimento pela experimentação com a mediação do professor e a necessidade de incorporação de recursos audiovisuais para obtenção dos subsídios de pesquisa, aparece a necessidade de capacitação desse professor.



E por fim, pela educação dialógica da escola progressista de Freire, que focaliza o diálogo professor-aluno por corresponder a uma análise crítica da comunicação e seus recursos proporcionando à leitura crítica dos meios (AZEVEDO, 2004,p.52).

A Educomunicação além de ser utilizada como técnica educativa em outras partes do mundo, consta nos parâmetros curriculares da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, de 1996.

5 O Acompanhamento da Utilização do Jornal nas Escolas

A primeira escola visitada foi a Escola Municipal Mariana Viana Dias em Maringá, no Paraná, no dia 30 de Outubro de 2008. A segunda escola, também municipal, denominada Maria Aparecida Medeiros, na cidade de Engenheiro Beltrão, Paraná, foi visitada em 12 de Novembro de 2008.

5.1 Escola Municipal Mariana Viana Dias

Os participantes do Programa O Diário na Escola, nesse estabelecimento, situado na periferia da cidade, totalizam 195 alunos das quartas, sétimas e oitavas séries, sendo atendidos por oito professores. A escola recebe 20 exemplares do jornal por semana. Os alunos das turmas de quarta série têm entre 9 e 11 anos, e os da sétima série estão na faixa etária entre 11 e 16 anos.

Na primeira sala visitada, a sétima série, a aula foi da disciplina de Português. O professor G. Dada utiliza o retroprojetor para exibir imagens de charges⁶ copiadas dos jornais e estimula os alunos a comentarem os elementos e compreenderem o significado da mensagem. Na seqüência o professor distribui os jornais aos alunos para que outras charges sejam observadas, em seguida pede que cada aluno crie a sua própria charge.

A atividade faz parte da metodologia oferecida pelo programa e conforme o professor a inclusão do jornal em sala de aula é benéfica em função da riqueza de gêneros textuais e interdisciplinaridade que os textos, foco da aula de português, proporcionam.

Foram entrevistados três alunos para opinar sobre a aula em que utilizam o jornal. A aluna A., de 13 anos, alega que a aula com o uso do jornal é “divertida” ou “diferente”, ressaltando ainda que o jornal na sala estimula à leitura, embora em sua casa ela apenas assista à televisão. Os outros dois alunos não conseguiram formular opinião expressando contradição entre gostar e não gostar da aula. Observou-se que a aluna A. utilizou seu aparelho de telefone

⁶Elemento representado por desenhos, textos ou ambos, freqüentemente encontrado em jornais ou revistas, que satiriza ou ironiza algum fato de conhecimento público. Cartum



celular para filmar a entrevista dos outros alunos, embora o uso do aparelho não seja permitido em sala de aula.

Na segunda sala, de alunos da quarta série, a professora trabalhava o noticiário de edições anteriores do jornal, ela lia com os alunos matérias de diversos assuntos estimulando a participação de todos. Quando questionados sobre já terem visto determinada notícia em outros veículos, vários alunos participam informando um ou outro programa tanto no rádio quanto na televisão.

O jornal na sala de aula produz efeito significativo naqueles que participam de sua leitura. Surge a necessidade de se comentar os fatos, de se opinar, trocar idéias, refletir e abrir-se para discussões. É algo que, fundamentalmente, passa pela formação de cidadania estimulando o sentimento de pertença àquilo que se lê. Ler uma notícia ou matéria de jornal é também poder olhar um pouco para si mesmo, é o: **Eu faço parte de...**, ou: **Será que isso é mesmo verdade?**, ou: **Como mudar isso?** (Grifo do autor) (CAVALCANTE, 1999, p.44).

Conforme a citação de CAVALCANTE, ficou comprovado que os alunos participam de forma efetiva dos assuntos discutidos. Imediatamente após a leitura da notícia começam a se manifestar, ora comentando demonstrando conhecimento do assunto e estabelecendo uma relação com a própria realidade, ora contando casos semelhantes.

A participação dos alunos acaba por trazer mais alguma informação complementando assim a matéria do jornal, uma vez que os fatos algumas vezes acontecem no próprio bairro onde moram.

O jornal é, certamente, um veículo fundamental na escola por ser possibilitador de muitos caminhos, além de ser sedutor porque representa a vida no seu cotidiano, dizendo respeito à experiência real. O texto do vivido dito através do texto jornalístico provoca a sensação de pertença, de que aquilo que é posto ali também faz parte da minha realidade, da minha época, da minha história. (CAVALCANTE, 1999, p.42).

A professora H. Cardoso apresentou aos pesquisadores a metodologia desse tipo de aula, na qual elabora um questionário interdisciplinar que é distribuído aos alunos, para que obtenham as respostas na leitura do jornal, após a conclusão da tarefa os alunos discutem os pontos que mais lhe chamaram atenção. O propósito é o de conhecer e estabelecer relações com a realidade local buscando criar um senso crítico no aluno.

Para os dois professores entrevistados a utilização do jornal em sala de aula, como mais um recurso pedagógico, é importante por trazer a atualidade e a diversidade de conteúdos para o ambiente escolar. Ambos entendem como positiva a utilização dos recursos tecnológicos da mídia no ensino, porém com mediação do professor.



O professor G. Dada, da sétima série, lembra fato ocorrido em sala de aula, para exemplificar como os recursos tecnológicos podem auxiliar na transmissão do conhecimento. Declarou que em uma aula da disciplina de artes necessitou levar os alunos em dupla à sala informatizada para com o acesso a internet mostrar uma tela de um pintor famoso. Após isso, já de retorno a sala da turma, onde seria desenvolvida a atividade, reparou que determinado aluno manuseava um aparelho celular, o que é proibido durante a aula, porém o aluno havia fotografado a tela do computador para facilitar sua tarefa. Conforme o professor este é um exemplo simples e criativo de como a tecnologia pode estar a serviço da educação.

5.2 Escola Municipal Maria Aparecida Medeiros

Na Escola Municipal Maria Aparecida Medeiros, localizada na área central de Engenheiro Beltrão, os alunos que participam do Programa O Diário na Escola são apenas os das quartas séries, sendo três turmas no período da manhã e duas no período da tarde totalizando 103 alunos com idades entre 9 e 11 anos, atendidos por cinco professores.

A primeira sala de aula visitada trabalhava a produção textual, a professora, M. L. R. Pereira, explicou os elementos que compõem uma charge e sua intencionalidade na publicação. Para tanto a professora utilizou matéria do próprio jornal, anteriormente publicada, sobre o assunto e em seguida interpretou algumas charges, chegando a teatralizar, possivelmente para buscar a fixação da compreensão dos alunos, para a professora, o que contribui para a aceitação da aula através do jornal é a atualidade do texto, “a novidade faz com que eles gostem mais de trabalhar o jornal”

Ainda que não seja o jornal na escola o único recurso pedagógico que proporcione o afloramento da criatividade, neste caso, da forma como a aula foi ministrada, observou-se que através da interação do educador com o educando a atividade torna-se envolvente, estimulando a participação do aluno e proporcionando então que: “a Escola comece a preocupar-se em fazer da sala de aula um espaço rico para exercitar a razão com a emoção” (CAVALCANTE, 1999, p. 46).

A segunda sala visitada, também de quarta série, desenvolvia no momento da visita atividade de confecção de gibi, uma página de história em quadrinhos baseada em alguma reportagem publicada pelo jornal durante o corrente ano. A criação do texto passa a ser a mensagem do aluno sobre o assunto, conformando produção de conhecimento e participação na sociedade.

Tudo é leitura, porque tudo passa pela percepção e compreensão, assim quando trabalhamos com o jornal em sala de aula, utilizando-o como recurso gerador e provocador do conhecimento, estamos assumindo uma postura efetivamente



dinâmica, dando possibilidade ao educando de interagir com seu momento histórico-social. Dessa maneira, criamos não somente indivíduos atuantes no mercado de trabalho, mas pessoas sensíveis aos projetos de desenvolvimento do seu país, cidade, enfim, pessoas atentas à sua condição de cidadania. (CAVALCANTE, 1999, p. 33).

Nessa turma foram entrevistados dez alunos, sendo indagados sobre o programa e o aproveitamento que tiveram. Duas respostas foram objetivas e citaram assuntos de matérias jornalísticas anteriores como a dengue e os jogos olímpicos, os alunos disseram ter obtido conhecimento com essas matérias. Ao serem perguntados sobre outras formas de mídia de suas preferências, três citaram o rádio como alternativa de busca da informação. Os demais ficaram entre o próprio jornal e a televisão.

Outra característica da metodologia que a professora R. G. Cota⁷ aplica a essa turma, é a comparação entre os veículos de mídia mais utilizados pelos alunos. Segundo a professora, anteriormente à implantação do programa, ela estimulava os alunos a acompanharem noticiários, porém sem resposta positiva. Para a professora, depois da implantação do jornal, essa tarefa passou a ser cumprida espontaneamente, pois os alunos passaram a identificar no jornal fatos, os quais, já tomaram conhecimento, quer seja através de outras fontes de informação ou até por comentários com a família ou amigos.

Quando o professor entrega o jornal ao aluno ele está oferecendo-lhe a oportunidade de comunicar-se com a sua comunidade. A partir de uma questão, outras vão surgindo e provocando o envolvimento com o que é lido e o lido passa a ser o vivido e identificado com o leitor, visto que a leitura produz também uma busca de identificação, porque realiza uma série de projeções. (CAVALCANTE, 1999, p. 36).

Na opinião da professora utilizar o conteúdo da mídia na escola é positivo, ela cita a novidade e a repercussão como aspectos que geram interesse nos educandos redundando em maior criatividade e participação.

Um ponto que seja negativo, se você trazer para a sala de aula e daí colocar os problemas, o porque que aquilo está lá, quais os motivos, ele deixa de ser negativo e passa a ser positivo [...] o enfoque que é dado estimula a criança a ver, a perceber, a ter a criticidade, a discernir o que é certo ou errado. (COTAA, 2008).

Observou-se nessa escola que alguns alunos, com permissão dos professores, levam os jornais para casa. Esses jornais são lidos pela família dos estudantes e, além de servirem para informação, puderam nas mãos da aluna D., de 10 anos, servir para alfabetização de sua avó, Sra. S. D. Finger, de 64 anos.

⁷COTAA, R.G. é professora de quarta série da Escola Municipal Maria Aparecida Medeiros de Eng. Beltrão-PR



Moradora da área rural, a avó de D., nunca teve a oportunidade de frequentar a escola e conseqüentemente não lia nem escrevia. A neta D., determinada a alfabetizar a avó, percebeu no jornal a possibilidade de oferecer texto para leitura com letras bem maiores que os livros convencionais, uma vez que sua avó tem atualmente a visão bem reduzida devido a problemas de saúde. Com apoio da professora Cota, em permitir que o jornal fosse levado para casa, a aluna D. conseguiu atingir o objetivo.

Foi incluída nesta pesquisa uma visita ao domicílio da Sra. S. D. Finger, na Chácara São Roque, área rural de Engenheiro Beltrão. Na visita realizada em 21 de Novembro de 2008 pôde ser ouvida a versão da avó da aluna D., que além de confirmar o relato, demonstrou através de um caderno de tarefas, passadas pela neta, que já sabe escrever além de ler.

6 Considerações Finais

A conclusão do estudo de caso proposto, de antemão, proporcionou observar que o desenvolvimento da atividade escolar, em sala de aula, na qual está inserido o jornal, demonstra-se alegre e prazerosa. Esta, por si só, já bastaria como qualidade de uma tarefa, qual seja a de adquirir conhecimento na escola, que desde muito é sinônimo de dever enfadonho, e por isso questionada em seus métodos, conteúdo e atualização frente à dinâmica das mídias que assediam crianças e adolescentes a todos os momentos.

A utilização do jornal em sala de aula, nas escolas observadas, é precedida de planejamento dentro do projeto pedagógico, as aulas são preparadas com objetivo de trabalhar elementos do conteúdo programático. As sugestões oferecidas pelo Programa O Diário na Escola, para preparo de aulas, segundo os professores, contêm atividades que se aplicam ao programa das escolas, evidenciando, portanto que a estrutura do Programa é voltada para a educação.

Os professores participantes do Programa demonstraram disposição na utilização do jornal em sala de aula, percebeu-se pela dinâmica das aulas e através das entrevistas a satisfação em utilizar o que foi classificado como recurso pedagógico, qual seja, o jornal. Deve-se destacar que a criatividade desses professores é fator determinante para o bom aproveitamento geral, por parte dos alunos, fato percebido na observação realizada para execução deste trabalho. A expressão criativa do professor é, certamente, um diferencial na aplicação da atividade que, de certa forma, se constitui numa novidade em relação ao programa pedagógico tradicional, tendo ainda natureza dinâmica em função do imediatismo midiático. O volume e a diversidade de informações aliada à natural interatividade com os



alunos requer que se tenha criatividade, às vezes até diante do inusitado, para que se obtenha o conseqüente aproveitamento educacional.

Ficou, portanto, claro que, antes de ser um estudo sobre a leitura crítica da mídia, o jornal, nessas salas de aula, é considerado uma ferramenta para educar com mais dinâmica e mais interesse que os livros didáticos. Por outro lado o senso crítico sobre o conteúdo do jornal e o conseqüente questionamento ideológico não ficou evidenciado, pelo menos na exposição dos professores nas aulas observadas.

Os alunos, de uma maneira geral, demonstraram entusiasmo no trabalho com o jornal, exceto os de sétima série, que talvez até em razão de estarem na adolescência, portanto um período de questionamentos e insegurança quanto à própria personalidade, pareceram apáticos em relação ao instigante assunto tratado em aula, que foram as charges, mesmo com a explicação do professor. Talvez para esses, interpretar e construir uma charge fosse necessário conhecer mais do debate sócio ideológico que é o proposto pelo cartunista, sem contar que, para a compreensão do sentido de uma charge se faz necessário conhecer o contexto e estar atualizado em relação aos fatos que normalmente são focados.

É importante frisar que o uso do telefone celular observado nessa turma, conforme citado anteriormente, é um exemplo de que jovens e adolescentes manipulam facilmente as novidades tecnológicas, o que pode ser representado pelo uso de uma tecnologia de informação para registro de um fato, que possivelmente será relatado a outrem. Isso demonstra que esses alunos podem, e poderiam ainda mais, se orientados, e com permissão, fazer uso dos aparelhos celulares para incrementar as aulas.

Essa idéia encontra afirmação no depoimento do próprio professor dessa mesma turma que relatou como um aluno fotografou com o celular, mesmo sem autorização, uma obra de pintura na tela do computador para descrevê-la mais tarde em outra sala, fazendo assim uso da tecnologia da Comunicação em favor da Educação.

Embora esta pesquisa não tenha tido o objetivo de estudar o uso do telefone celular em sala de aula, vale lembrar a frase de Pier Rivoltella⁸, comentando que na Itália o aluno deve deixar o aparelho em uma cesta na entrada da sala. Segundo Rivoltella, “As escolas estão trabalhando dessa forma: quando os alunos chegam à sala de aula, eles têm que deixar o mundo do lado de fora”. O pesquisador italiano argumenta que assim o Estado e as escolas deixam de trabalhar o uso do aparelho até mesmo com objetivo educacional.

⁸Rivoltella é italiano especialista em mídia educação da Universidade Católica de Milão *in* http://www.uff.br/objjovem/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=292&Itemid=9 acessado em 27/11/2008 às 14h40.



As crianças e adolescentes encontram-se adiantados na manipulação dos recursos tecnológicos da mídia em relação à escola e suas regras pedagógicas. É justamente essa a proposta da Educomunicação, apropriar-se desse imenso potencial comunicativo para promover Educação.

Em confronto com o conteúdo apresentado pelas obras que relatam outras experiências com a aplicação do jornal na escola, primeiramente na contribuição de Freinet, em 1920, que ainda é tão atual, constatou-se que assim como em outros lugares e épocas, o jornal em sala de aula promove, na maioria, um sentimento de liberdade de expressão e ao mesmo tempo de pertencimento ao que se passa na sociedade.

Diferentemente dos alunos da turma de sétima série, os de quarta série, na faixa dos dez anos de idade, responderam com entusiasmo às tarefas propostas, sendo muito participativos e se supõe que ao chegarem às séries seguintes estejam mais preparados para discutir assuntos do cotidiano com maior capacidade de síntese. Pode-se sugerir assim que outros estudos baseados na perenidade dos conhecimentos adquiridos nessa faixa de idade possam orientar a aplicação de outras metodologias na utilização do jornal em sala de aula, assim como um estudo qualitativo e mais específico delas.

Do ponto de vista da empresa promotora do Programa pode-se dizer que, em relação à afirmação de Fonseca (2004), em que deixa dúvidas na intenção das empresas jornalísticas em constituir um projeto pedagógico para os seus programas de leitura, o Programa O Diário na Escola apresenta aos professores participantes uma sugestão de metodologia pedagógica além de um envolvimento constante na aplicação e apuração dos resultados obtidos. O fato de a empresa manter na coordenação e execução funcionários com formação concernente à natureza educacional do programa, também pode ser entendido como aspecto de seriedade da proposta, mesmo que esteja implícita, ou até explícita, a busca da formação de novos leitores que dêem sustentação futura ao empreendimento mercantil.

Os professores entrevistados declararam-se satisfeitos com o Programa, sentem-se atendidos e apoiados tanto em relação aos subsídios metodológicos oferecidos, quanto pelo atendimento da equipe executiva do Programa. A página dedicada ao Programa, editada semanalmente pelo jornal, colabora com o bom relacionamento junto aos docentes. São publicados trabalhos e outras informações relativas a escolas, alunos e professores. Na prática não foi constatado qualquer “engessamento” no formato proposto pelo Programa em relação à metodologia sugerida, os professores demonstram liberdade em sua aplicação, buscando, certamente, em conjunto com os coordenadores pedagógicos, de suas escolas, formas de obter os melhores resultados na promoção do conhecimento.



A pesquisa pôde vislumbrar que o caminho proposto pelos teóricos da Educomunicação é o adequado. O empenho dos professores em utilizar o jornal, por receberem a resposta positiva dos alunos pela participação nas aulas, constitui-se no sinal de que a prática referenda a teoria. A disciplina da Educomunicação, inserida nos cursos de comunicação, incita o acadêmico a buscar conhecer a visão da recepção comunicativa no âmbito escolar, atitude que complementa sua formação e a conseqüente vocação da academia, que é a de oferecer ao mercado de trabalho um profissional capacitado tecnicamente, porém sensível em relação ao aspecto humano da sociedade.

A formação da cidadania, no entanto, ainda tem um caminho mais longo para ser cristalizada. Aos jovens educandos precisa ser garantida a liberdade de expressão ao postularem um lugar na sociedade e precisam fazê-lo com a consciência amadurecida proporcionada pela troca de experiência no meio em que vivem conhecendo o mundo e a ideologia dominante.

A leitura crítica das mídias é condição fundamental para que se alcance a independência de pensamento em relação à massa irrefletida e se possa nela atuar como agente de transformação.

Este trabalho, por ter analisado uma diminuta porção do universo comunicativo à disposição da sociedade, abre a possibilidade para que sejam realizadas outras pesquisas nos demais veículos midiáticos no sentido de colaborar, não só com a divulgação de ações, que necessitam de avaliação isenta em relação aos objetivos propostos, quanto pela validação das mesmas em relação aos anseios da sociedade.

O conteúdo das mídias, apartado do processo educativo por várias décadas, necessita ser, cada vez mais, encampado pela escola para que de posse desse conteúdo, proporcione ao jovem estudante fazer a leitura real da mensagem transmitida, com a compreensão da produção de sentido nela contida.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Verônica R. de. **Telejornalismo e Educação para a cidadania**. São Paulo, SP: Beca, 2004.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Meios de comunicação na escola** In: Comunicação & Educação, ECA/USP São Paulo, SP: Salesiana, 2002.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. 1 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001



BERGER, Christa. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, Antonio (Org). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2001.

CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica** São Paulo,SP: Paulus,1999.

DIZARD JUNIOR, Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação** Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar, 2000

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação** São Paulo,SP, 2005.

Educomunicação. São Paulo, Revista Comunicação & Educação, ECA/USP, Jan/Abr. 2002.

FARIA, Maria Alice. **O Jornal na sala de aula**. São Paulo,SP: Contexto,1996.

FONSECA, Claudia Chaves. **Os meios de comunicação vão à escola?** Belo Horizonte,MG: Autêntica/FHC-FUMEC, 2004.

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar** Lisboa, PT. Estampa, 1974

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança** Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1979.

GUTIERREZ, Pérez Francisco. **Linguagem Total: Uma pedagogia dos Meios de Comunicação**. São Paulo,SP: Summus, 1978.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é o educador?** Texto retirado de: www.usp.br/nce/aeducunicação/saibamais/textos, 2007

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Os exercícios do ver – Hegemonia audiovisual e ficção televisiva** São Paulo, SP. Editora Senac, 2001

MORAN, José Manuel. **Leitura dos meios de comunicação** São Paulo,SP: Pancast Editora, 1993.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX Volume 1 Neurose** Rio de Janeiro, RJ, Forense Universitária, 1997.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo,SP: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

PENTEADO, Heloísa Dupas [org]. **Pedagogia da comunicação. Teorias e práticas** São Paulo,SP:Cortez, 1998.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo,SP: Loyola, 2002.

SOARES, Ismar Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. São Paulo Comunicação & Educação, Set./Dez. 2000.



THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998